

Prefácio à série



É com satisfação que os editores anunciam a série “Estudos sobre a teologia bíblica do Antigo Testamento” na esperança de contribuir com o campo da teologia do Antigo Testamento (AT) e estimular outros debates. Se a teologia do AT for a rainha dos estudos do AT, ela é uma rainha deveras negligenciada. A tarefa de escrever sobre a teologia do AT é um tanto desanimadora, e leva muitos à hesitação. Afinal, ela pressupõe o conhecimento de todos os livros do AT e, pelo menos de acordo com a conceituação do presente projeto, a percepção da conexão com o Novo Testamento (NT).

Outro motivo pelo qual essa teologia tem sido negligenciada nos anos recentes consiste apenas na falta de confiança de que o AT possa ser resumido em um, ou mesmo em alguns volumes. Existe algum conceito central sob o qual todo o AT possa ser agrupado? Muitos duvidam disso. Assim, enquanto vários artigos, monografias e comentários lidam com a teologia de uma fonte, um capítulo, ou mesmo um livro, poucos estudos abarcam a totalidade do AT.

Os editores desta série também acreditam na impossibilidade de apresentar a mensagem integral do AT sob uma única rubrica. Até mesmo um conceito tão importante quanto a aliança não incorpora todos os aspectos do AT (v., p. ex., a literatura sapiencial). Esta série, portanto, apresentará volumes separados, cada um dedicado a um tema, uma questão ou perspectiva diferente da teologia bíblica, e demonstrará sua importância para o AT e para todo o cânon cristão.

Precisamos dizer uma última palavra sobre a abordagem teológica. Já se passaram os dias em que os estudiosos, em particular os que trabalham em campos tão ideologicamente sensíveis quanto a teologia, podiam alegar neutralidade e se esconder atrás de algum tipo de metodologia científica. É, portanto, importante explicitar a abordagem assumida nesta série. Quem conhece os editores e autores não ficará surpreso em saber que toda essa série se vale da abordagem evangélica. Entretanto, ao mesmo tempo, cremos que quem não compartilha desse ponto de partida também poderá se beneficiar e aprender com os estudos.

O presente volume é o primeiro da série e um exemplo do que os editores esperam alcançar. Depois de definir o termo, J. Gordon McConville analisa com maestria os aspectos básicos da teologia deuteronomica: a revelação do Deus de Israel em palavra e na história, eleição e aliança, a graça de Deus, e a esperança para além do exílio de Israel. O livro de Deuteronomio apresenta a importância do conhecimento de Deus, da vida pela graça e da responsabilidade da existência em sua presença. A tensão entre lei e graça não foi reduzida pela vinda do Senhor Jesus Cristo e pela inclusão dos gentios na comunidade da aliança. Como defende McConville, a relação entre os Testamentos não é de contraste, mas de crescimento e desenvolvimento.

Os editores gerais da série, Willem A. VanGemeren e Tremper Longman III, desejam agradecer ao departamento de publicação acadêmica da Zondervan, em particular a Stan Gundry e Verlyn Verbrugge, que trabalharão mais de perto com a série.

Willem A. VanGemeren
Professor de Antigo Testamento e Idiomas Semíticos
Trinity Evangelical Divinity School
Autor de *O progresso da redenção* (Shedd Publicações)

Introdução: A definição de teologia deuteronomica



O livro de Deuteronômio é um dos maiores documentos teológicos da Bíblia, ou de todos os tempos. O próprio fato de Jesus citar textos dele com mais frequência que qualquer outro livro do AT talvez seja o convite suficiente para o estudo de sua teologia. O efeito do texto em sua mente é também sintoma de sua importância na formação do pensamento do antigo Israel e em sua posição como pano de fundo para muitas análises do judaísmo posterior. Como o último livro do Pentateuco e o grande convite de Moisés à vida em aliança com Yahweh, ele rompe com as amarras do Israel tribal e agrícola — embora o ambiente perpassasse suas variadas leis — e chega ao centro das grandes questões do relacionamento entre Deus e os seres humanos.

O próprio termo “teologia deuteronomica”, tema do presente volume, testemunha a influência de Deuteronômio. Ele sugere todo um corpo de discurso teológico, identificado pelo assunto-matéria e estilo, como características do livro que o estimulou. De fato, a erudição moderna postula esse conjunto dentro do AT, contido não apenas em alguns livros específicos, mas de maneira difusa, tanto que seus limites permanecem uma questão de debate acadêmico e aguardam uma definição permanente.

Aqui reside, é claro, um problema metodológico que necessariamente nos preocupará quando tentarmos identificar o cerne da “teologia deuteronomica”. A partir do que já foi dito, fica claro que o termo não equivale apenas à “teologia de Deuteronômio”. Ao contrário, ele pede a compreensão não só da raiz, mas dela e de todos os ramos juntos.

Contudo, um dos principais problemas é saber qual é a raiz e quais são os ramos. A tarefa seria objetiva se pudéssemos considerar que a raiz é, nada mais, nada menos, que o livro de Deuteronômio, e os ramos são os outros livros do AT, para podermos considerar posteriores no tempo e aceitar os temas do anterior. No entanto, o procedimento é inadequado por não levar em consideração a maior parte do que foi escrito sobre o assunto e que a maioria dos escritores, em última análise sob a influência de Wilhelm M. L. de Wette e Julius Wellhausen, têm uma visão significativamente diferente das questões.

Na tentativa de distinguir a raiz dos ramos na teologia deuteronomica, as linhas de debate foram estabelecidas por Wellhausen. Baseando-se na obra de De Wette, ele defendeu que a forma antiga de Deuteronômio foi originada no contexto da reforma religiosa do rei Josias, no final do século 7 a.C. Esse *Protodeuteronômio* (o *Urdeuteronomium* de Wellhausen) foi expandido para atender às novas condições, em especial no exílio, até se formar a presente versão do livro.

Esse, então, é um cenário diferente daquele onde todo o livro é tomado apenas como fonte de influência. Ele envolve critérios históricos, literários e teológicos, sobre cujas bases reconstruímos o desenvolvimento da teologia deuteronomica, não apenas dentro de Deuteronômio, como também em outros livros. Entre os últimos, os principais são os formadores da chamada história deuteronomica (ou Deuteronomística), a saber: Josué, Juízes, 1 e 2 Samuel, 1 e 2 Reis. Na teoria clássica da composição da história deuteronomica, proposta por Martin Noth,¹ a forma presente de Deuteronômio é atribuída a um autor exílico, o “deuteronomista”, que apresentou o já existente *Protodeuteronômio* em uma estrutura histórica. Ele escreveu esse livro revisado como o início de sua história de Israel e Judá, usando fontes mais antigas, para explicar a queda de Judá em termos de juízo pelo rompimento da aliança.

No esquema de Noth, portanto, a distinção entre raiz e ramos é concebida como a “Deuteronomica” (i.e., derivada do *Protodeuteronômio*) e “Deuteronomística” (derivada da revisão exílica). Quando a questão é compreendida dessa maneira, a principal tarefa do intérprete, sem dúvida, é tentar definir o caráter e o conteúdo do *Protodeuteronômio*. Nos termos

¹ *The Deuteronomistic History*, JSOTSup 15 (Sheffield: JSOT, 1981).

da teoria, entretanto, essa é uma tarefa muito delicada, pois envolve a dialética entre os dados observáveis no próprio Deuteronomio e a teoria. Sem dúvida, esse é um tipo de círculo em que muitas leituras do AT inevitavelmente ficam aprisionadas. Entretanto, o intérprete deveria ser sempre sensível à possibilidade de que a teoria domine de maneira indevida a reconstrução de Deuteronomio autêntico.

Acredito que isso, de fato, tem acontecido com frequência, em parte porque certos juízos de valor teológico são levados a cabo sem justificação adequada — em relação ao próprio Deuteronomio ou à teologia geral do AT. Por exemplo, a distinção entre raiz e ramos muitas vezes tem sido feita com base na polarização dos temas teológicos de lei e graça.

Nosso objetivo nas páginas a seguir será tentar caracterizar a teologia deuteronomica com base em critérios literários, históricos e teológicos seguros. Devo antecipar alguns dos argumentos explicitando desde o princípio a minha crença de que o Deuteronomio, como o temos hoje, é a verdadeira influência formativa, não apenas na história deuteronomica, e sim, de maneira mais geral, na teologia do AT. Essa visão atribui ao livro o vigor e a excelência de pensamento apreciados raras vezes. Ela considera o Deuteronomio um documento de profundidade teológica, capaz de discernir um leque de possibilidades no relacionamento entre Deus e os seres humanos, e não como uma série de programas em camadas para situações sempre novas.

Isso não significa, entretanto, que a “teologia deuteronomica” seja apenas uma exposição da teologia de Deuteronomio. Parte de nossa tarefa é explorar os livros que se relacionam mais de perto e abertamente com a história deuteronomica (Js—2Rs). Esses livros, embora possam ser chamados “deuteronomicos” de maneira apropriada, não repetem ou invocam esse livro de forma simples. Ao contrário, têm individualidade e caráter próprios. A esse respeito, podem ser comparados ao livro de Jeremias que, como demonstrei em outro trabalho, demonstra o conhecimento profundo de Deuteronomio ao mesmo tempo em que apresenta a própria contribuição teológica.² É importante identificar essas distinções — é nesses termos, de fato, que podemos falar de maneira apropriada sobre a raiz

² J. Gordon McConville, *Judgment and Promise: Interpreting the Book of Jeremiah* (Winona Lake: Eisenbrauns/Leicester: Inter-Varsity, 1993).

e os ramos. Ainda assim, não devemos subestimar a dívida dos livros de história deuteronômica para com o Deuteronômio. De fato, a capacidade de gerar novas afirmações, como as encontradas neles, consiste em parte do poder da história deuteronômica.

“Graça ao final”: A relevância da teologia deuteronômica

A composição do presente volume não foi motivada pelo desejo de procurar defeitos em fontes e pedaços de versículos. Ela se deu a partir da convicção da relevância da teologia bíblica no mundo. Suponho que todos os autores da presente série compartilhem da crença na contribuição vital do AT para essa teologia, o que com certeza representa a minha visão. Em minha opinião, o livro de Deuteronômio e a literatura associada têm um espaço especial na construção de toda teologia do AT. Com o estilo muito distinto e a simplicidade enganosa, ele contém uma poderosa e sutil teologia da história. Ainda assim, não é grandioso ou idealista (no sentido abstrato e teórico). Ao contrário, é humano e prático. Acima de tudo, entretanto, é um documento de fé — a fé que entrou em acordo com as realidades do mundo, muitas vezes duras e dolorosas, e afirma com alegria que Deus, o autor da vida, deseja abençoar seu povo.

O presente volume foi escrito logo depois dos acontecimentos revolucionários na Europa Oriental que resultaram no fim do governo comunista por lá. Embora muitas consequências imediatas dessa série de eventos tenham sido amargas (ajustes dolorosos na Alemanha, guerra total na ex-Iugoslávia), permanece algo emocionante e cativante a visão do muro de Berlim sendo desmantelado e a exuberância dos alemães celebrando o fim da tirania horrível e sangüinária. O fracasso do golpe em Moscou face à coragem de Boris Yeltsin e de seus companheiros reformadores foi outro momento carregado de significado para a história humana. Ainda assim, por mais significado contido nos acontecimentos, eles pareciam apontar para além dos parâmetros imediatos e dizer algo sobre as realidades encontradas na base da vida humana no mundo de Deus.

O bispo Stephen Sykes, ao refletir sobre os eventos em Berlim em 1989, escreveu: “A graça está na história, ao final”.³ Esta é uma perspectiva de fé sobre os acontecimentos da época. Não indevidamente eufórica,

³ Em “The Truth Has Set Eastern Europe Free”, *The Independent*, (Dec. 28, 1989).